

## O VESTÍGIO DE UMA GESTUALIDADE FERROZ

*Ruth Kipper Aguilar<sup>1</sup>,  
Jéssica Caroline Rodrigues de Lima<sup>2</sup> e  
Rodrigo Gonçalves dos Santos<sup>3</sup>*

Não era a minha intenção, tampouco minha intervenção, mas foi assim, por acaso, que passou a ser. Uma intervenção coletiva ou, talvez, uma dança que se realiza em atos, alguém cola, outro rasga e outrem registra. Assim, sem coreografia prévia, os corpos dançam, se movimentam seguindo seus próprios ritmos, seus próprios desejos, seus pulsos e impulsos. É na aleatoriedade que nos encontramos, anônimos ou não, nós que possibilitamos, capturamos e impossibilitamos juntos, nós que fomos constituintes da intervenção que foi muito além de um cartaz colado no centro da cidade.

O que estava impresso naquele lambe-lambe era um desafogo, um grito que há muito tempo estava engasgado, sufocado e me sufocando. Foi um desejo que surgiu de um impulso, da necessidade de compartilhar esse algo que habitava em mim, um sentimento, algo que eu podia sentir em mim de forma quase palpável.

Não me importei tanto com a forma, as cores e os detalhes. Não pretendia nada com aquele lambe, nada além de transbordar, extravasar algo que havia (e ainda há) em mim. Desse modo, não me deterei aos detalhes de sua criação, pois para tal reflexão não há relevância saber como foi confeccionado. Nessas poucas palavras tratarei da sua significação em mim.

Apesar de não ser a primeira, segunda ou terceira vez que saio as ruas para colar cartazes há, a cada repetição, a diferença. Ao mesmo tempo que há sentimentos de opressão, de estar sendo observada, julgada, da sensação das mãos estarem suadas e frias, o medo de que algo aconteça, há, também, a satisfação e a adrenalina que emerge em meio aos receios e as neuroses. Dessa vez não foi diferente, embora tenha sua particularidade, desta vez havia espectadores ou espectadores-participantes. Foi uma outra experiência.

Ao colar o lambe não espero nada, sincronicamente, espero algo. Tive necessidade, bastante narcisista, de rever a minha própria ação, aquele cartaz que havia sido colado minutos antes. E nada mais havia, o que sobrou foi apenas o vestígio de uma gestualidade feroz. Um mero cartaz é, sem dúvida, capaz de afetar corpos, impulsionar

movimentos, é capaz de provocar algum outro ao ponto deste agir no sentido contrário, na tentativa de desfazer o que foi feito. O lambe também é disputa. E foi assim, por acaso, que a reação à minha ação teve uma nova reação em mim. Confesso, não esperava não encontrar nada além de vestígios nesse curto espaço de tempo. Não assim, não naquele lugar, não entre aquelas pessoas que pareciam tanto “a minha gente”. Emergiram sentimentos, algumas dores, olhei para os lados procurando alguém que pudesse estar me observando. Logo sai e de lá parti.

Ao passar dos dias, esqueci. Outros corpos afetados, atuantes e participantes, se movimentaram fazendo o contrapeso do contrassenso. Nem eu, nem o outro, quem capturou o movimento foi um outro alguém. Um terceiro que não apenas acompanhou, mas participou, que fez o registro dos vestígios. Sem os quais nada haveria, pois quando os busquei só achei o vazio.



Figura 1 – O ato.

1 Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Maria (2012). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2016). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Grupo Quiasma: Estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade.

2 Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas (2015). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas (2019). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Grupo Quiasma: Estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade.

3 Graduado em Arquitetura e Urbanismo (1999), mestre em Engenharia de Produção - Gestão Integrada do Design (2003) e Doutor em Educação (2011) pela Universidade Federal de Santa Catarina. cursou Artes Cênicas na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professor Adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrando aulas de Projeto Arquitetônico. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordena o Grupo Quiasma: Estudos e pesquisas interdisciplinares em arquitetura, corpo e cidade (ARQ/UFSC).

Figura 2 – Um primeiro vestígio.



Figura 3 – O segundo vestígio.



Figura 4 – O terceiro vestígio.

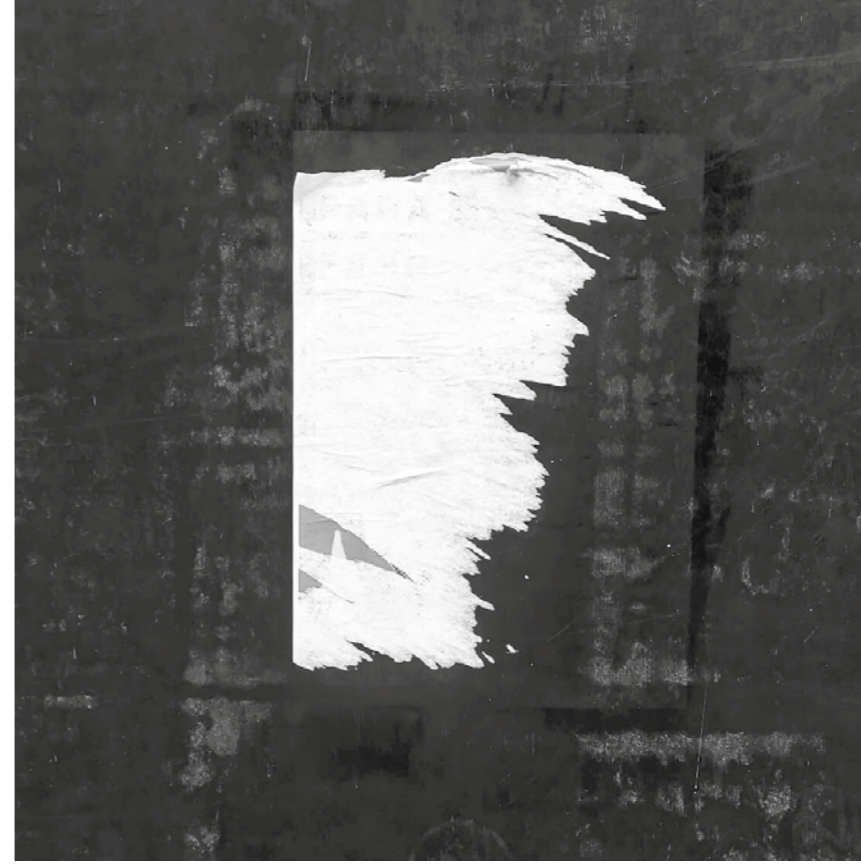


Figura 5 – O último vestígio.

